

PRESENÇA DA COLUNA PRESTES NAS VEREDAS DO GRANDE SERTÃO

Marcelo Luiz Cesar Mozzer
Ufes

Resumo: Na criação literária, há vestígios de verdade e verossimilhança. A escrita veicula a história e a estória, seja de paixão, seja de amor, seja de um ato político, religioso, social, sejam todos esses juntos. Este livro, *Grande sertão: veredas*, será lido como uma fusão entre a ficção e o fato histórico.

Palavras-chave: História. Literatura. Verdade e ficção.

Resumé : Dans la création littéraire, il-y-a des vestiges de vérité et de vraisemblance. L'écriture propage l'histoire et le conte, soit de passion, soit d'amour, soit d'un acte politique, religieux, social, soit de tous ceux joints. Ce livre, *Grande sertão : veredas*, sera lu comme une fusion entre la fiction et l'événement historique.

Mots-clés: Histoire. Littérature. Vérité et fiction.

Acredito não haver a possibilidade de uma criação literária sem vestígios de verdade. Quando se escreve, sempre é a história de um amor, de uma paixão, de um fato político, econômico, histórico, religioso, social e, às vezes, esses estão todos juntos. Este livro – *Grande sertão: veredas* – pode ser lido como a mistura da ficção com o fato histórico.

Para isso, suspendo as fronteiras entre duas linguagens: a de que se serve a História e a que utiliza a Literatura. Misturo-as, a fim de mobilizar personalidades históricas pelas veredas discursivas de Guimarães Rosa. Nessas veredas, História e estória convocam-se a serviço da arte. Para início dessas

desterritorializações entre o domínio da poética e o das ciências humanas, questiono o lugar da fronteira entre História e ficção. No plano narrativo, essa distinção, a meu ver, não se estabelece permanentemente na voz de Riobaldo. Para questionar a distinção entre verdade e invenção, passo a palavra a José Américo Motta Pessanha (1988, p. 282):

Onde a fronteira – se é que ela existe – entre história e ficção? Perguntado de outro modo: entre as muitas formas de narrativa, onde estabelecer a linha divisória – se é que ela pode ser traçada – entre os diversos tipos de história inventada e uma história que pretende ostentar estatuto de cientificidade, apresentar-se enquanto episteme, inscrever-se entre as formas “sérias” de conhecimento, candidatar-se à conquista de alguma verdade sobre o que narra, narrando e ao mesmo tempo tentando explicar o objeto que aborda?

Começamos com a história. A Coluna Prestes, 1924-1927, foi um movimento liderado por militares insatisfeitos com as fraudes eleitorais e as corrupções no governo. Nesse contexto, o movimento não apoiava a candidatura de Artur Bernardes à presidência do Brasil. A chamada Coluna Prestes, liderada por Luís Carlos Prestes, percorreu 25 mil quilômetros pelo Brasil, envolvendo 14 Estados. Esses militares que o Prestes comandava embrenharam-se pelo Brasil, e foram combatidos por tropas do governo e por jagunços contratados pelos chefes políticos locais, sobretudo na região Nordeste. O objetivo dos líderes da Coluna era derrubar o presidente Artur Bernardes. No dia 3 de fevereiro de 1927, quando Bernardes já havia saído da presidência e Washington Luís sido empossado desde novembro de 1926, os rebeldes se exilaram na Bolívia, sem sofrerem derrota alguma.

Aproximo agora os escritos da coisa histórica dos associados a fatos ficcionais. Para a realidade histórica, convoco as pesquisas de alguns historiadores. Para expor o mundo de referência ficcional de *Grande sertão*: veredas, convido o narrador

Riobaldo. Perfilam-se as tropas textualmente: as compostas de jagunços e as da Coluna Prestes.

As tropas de jagunços se apresentam prontas, segundo o olhar que Riobaldo lança (“bispa”) sobre sua gente de guerra. Com a palavra Riobaldo: “Disse só que decerto Joca Ramiro estava formando gente e meios para vir em ajuda de nós, jagunços em lei, e nesse meio-tempo punha toda confiança no Hermógenes, em Titão Passos, João Goanhá. – Fortes no fato valor e na lealdade. Gabei o Hermógenes, principal; bispei.” (ROSA, 1986, p. 153)

As tropas da Coluna Prestes, já acampada nos Cerrados, no-las apresenta Anita Leocádia Prestes, pondo em relevo o nome de seus comandantes:

Comando da Coluna Prestes reunido em Porto Nacional, Goiás em outubro de 1925: Miguel Costa, Luis Carlos Prestes, Juarez Távora, João Alberto Lins de Barros, Antonio de Siqueira Campos, Djalma Dutra, Oswaldo Cordeiro de Farias, José Pinheiro Machado, Atanagildo França, Emygdio da Costa Miranda, João Pedro Gonçalves, Paulo Kruger da Cunha Cruz, Ary Salgado Freire, Nélson Machado de Souza, Manuel Alves Lira, Sady Valle Machado, André Trifino Correia, Ítalo Landucci. (PRESTES, 1995, p. 74)

A Coluna era militarmente disciplinada; os jagunços também o eram. Estes se reuniam em bandos; tinham seus chefes; aqueles se reúnem em unidades de combates, e tinham seus comandantes. A organização da Coluna Prestes não era igual à dos jagunços, no entanto, entre ambas, tanto pelo olhar artístico de Riobaldo, narrador de Guimarães Rosa, como pela vista da História, se notam elementos parecidos: a maneira de combater e os encontros dos chefes.

Nas veredas do grande sertão, os jagunços chegaram à Fazenda Sempre-Verde, para se reunir. Riobaldo aponta-os como se olhasse para uma velha fotografia. “A jagunçada

veio avançando, feito um rodear de gado – fecharam tudo, só deixando aquele centro, com Zé Bebelo sentado simples e Joca Ramiro em pé, Ricardão em pé, Só Candelário em pé, o Hermógenes, João Goanhá, Titão Passos, todos!” (ROSA, 1986, p. 225)

Intuo que Guimarães Rosa, após leitura sobre a Coluna Prestes, teria se inspirado nesse fato histórico militar marcante a década de 20, para escrever a *Grande sertão: veredas*. Havendo nesse homem um gênio dado a leituras e pesquisas, não teria ele lido alguma obra sobre a Coluna Prestes? Guimarães Rosa dialogaria literariamente com os feitos da Coluna Prestes? É possível. Sua criatividade e pesquisa poderiam convocar o fato real e histórico a serviço da literatura, embora os acontecimentos da História não sejam, naturalmente, idênticos aos lugares geográficos da Literatura. E não seria o primeiro artista a referir-se a Prestes em tonalidades épicas. Candido Portinari teria se referido a Prestes, pintando-lhe o rosto na figura de Tiradentes, num se seus quadros da fase histórica, que conta a execução do Mártir mineiro.

História e literatura se assemelham a partir das aproximações entre alguns jagunços mencionados por Riobaldo e os chefes ou subchefes dos quatro destacamentos da Coluna. Entre os jagunços, um dos chefes a comandar confrontos travados lá pelas veredas do grande sertão foi o próprio Riobaldo, o Tatarana, o Urutu Branco. Com essa variação de nomes, o narrador do sertão atravessa as hierarquias de uma disciplina calcada na refrega; torna-se uma cobra no assunto e um homem bem informado sobre os embates bélicos naquelas sendas. Ouçamo-lo:

Os revoltosos depois passaram por aqui, soldados de Prestes, vinham de Goiás, reclamaram posse de todos animais de sela. Sei que deram fogo, na barra do Urucuaia, em São Romão, aonde aportou um vapor do Governo, cheio de tropas da Bahia. Muitos anos

adiante, um roceiro vai lavrar um pau, encontra balas cravadas. (ROSA, 1986, p. 82)

Heloisa Maria Murgel Starling, registrando seu testemunho histórico, escreve sobre os chefes políticos como Medeiros Vaz, Selorico Mendes, Joca Ramiro, Seo Ornelas, Seão Habão, Domingos Touro, Major Urbano, os Silva Sales, Dona Adelaide, Simão Avelino, Joãozinho Bem Bem, Hermógenes, Mozar Vieira. Disserta também a cerca sobre a política de chefes jagunços como Zé Bebelo, Riobaldo, mencionando elementos comuns ente a Coluna Prestes na obra de Guimarães:

Os revoltosos depois passaram por aqui, soldados de Prestes, vinham de Goiás, reclamaram posse de todos os animais de sela. Sei que deram fogo, na barra do Urucuia, em São Romão, aonde aportou um vapor do Governo, cheio de tropas da Bahia. Muitos anos adiante, um roceiro vai lavrar um pau, encontra balas cravadas. (STARLING, 1999, p. 29)

Não parece absurdo, à luz dessas duas citações, supor que Guimarães Rosa poderia ter se utilizado em sua obra dos personagens que combatiam a Coluna Prestes, que eram os chefes políticos locais, isto é, os coronéis e os seus jagunços. Teria também Rosa se inspirado nas virtudes e nos valores dos tenentes como: hierarquia, disciplina, coragem, lealdade, justiça, propósito político, a fim de caracterizar seus personagens jagunços? Com o surgimento da Coluna em 1925 naqueles sertões, os chefes políticos continuaram as suas lutas internas entre si, mas receberam dinheiro e armas do governo, para combater os soldados de Prestes. *Grande sertão*: veredas, não seria também um relato das lutas e disputas políticas, e territoriais, entre chefes políticos locais, associada ao inquestionável sabor histórico da Coluna Prestes?

Outras aproximações se flagram. Riobaldo, em determinado momento, se declara um tenente, um chefe. “Tibes! Eu, não.

Ia demandar de outros o que eu mesmo não soubesse, a ser: nestes meus Gerais, onde eu era o sumo tenente? (ROSA, 1986, p. 494). Neste próximo exceto, Riobaldo recebe a visita de um boiadeiro, e dos camaradas deste, e o ouve falar sobre os soldados do governo, que andavam por aquelas bandas do sertão. “Sim. Os soldados! – ‘Os que soldados, esses, mano velho?’ Soldadesca pronta, do Governo, mais de uns cinqüenta. Assim onde era que estavam?” (ROSA, 1986, p. 282)

O narrador fala também de um advogado seu “[...], e o que também devido dou ao advogado meu que zelou a sucessão – Dr. Meigo de Lima” (Rosa, 1986, p. 535). Esse nome se assemelha ao de Lourenço Moreira Lima, que era advogado, capitão, secretário da Coluna Prestes. Ele é muito citado por Jorge Amado no livro *O cavaleiro da Esperança*, editado em 1942. “Lourenço Moreira Lima, advogado e capitão. Chamam-no de Bacharel Feroz, porque era valente nos combates” (AMADO, 1985, p. 191). A obra escrita por Jorge Amado em 1942, não teria passado pelas mãos de Guimarães Rosa?

Seguindo a prosa e a jornada pelas trilhas e veredas do grande sertão, Riobaldo nos põe em contato com um dos mais importantes coronéis do Nordeste, que combateu incessantemente a Coluna Prestes, contratando jagunços para fazer esse serviço: o coronel Horácio de Matos. Passo a palavra, a Riobaldo.

O Alípio, preso, levado para a cadeia de algum lugar. Titão Passos? Ah, perseguido por uma soldadesca, tivera de escapar para a Bahia, pela proteção do Coronel Horácio de Matos. Só mesmo João Goanhá era quem ainda estava. Comandava saldo de uns homens, aos poucos. Mas coragem e munição não faltavam. (ROSA, 1986, p. 53)

Anita Leocádia Prestes também o registra em *A Coluna Prestes*, citando a força econômica, política e militar desses coronéis do Nordeste e indicando a quantidade de homens, a influência regional e o poder de fogo que cada coronel tinha sob seu

comando.

Segundo informações recolhidas pelo pesquisador Eul-Soo Pang, foram organizados, na Bahia no início de 1926, cerca de dez ‘batalhões patrióticos’, sendo os mais importantes: o comandado por Horácio de Mattos, de Lavras Diamantinas (cerca de 1500 homens), o de Franklin Lins de Albuquerque, do vale médio do São Francisco (cerca de 800 homens), e o grupo de Abílio Wolney, formado por jagunços de Barreiras e Goiás (cerca de 1000 homens). (PRESTES, 1991, p. 262)

Sobre a questão das mulheres, história e literatura também se conectam. Em outros caminhos da Coluna Prestes, constata-se o envolvimento de mulheres na marcha. São as vivandeiras; vendem mantimentos ou os levam, acompanhando as tropas em marcha. Luiz Maria Veiga aponta a participação feminina na Coluna, descrevendo a insistência vitoriosa delas em acompanhar os seus homens.

Os rebeldes gaúchos conseguiram finalmente entrar em Santa Catarina: eram cerca de mil homens, 500 cavalos e 50 mulheres. Essas mulheres, chamadas vivandeiras, insistiram em acompanhar seus homens, mesmo contra as ordens do Capitão Prestes, que determinava que elas permanecessem do outro lado do rio. Diante, porém, da consumada travessia feminina, não se opõe a que continuassem. (VEIGA, 1992, p. 30)

Coincidência ou não, Riobaldo, em suas travessias, à parte sua paixão espartana pelo bravo Diadorim (essa é outra estória), às vezes gozava a companhia de mulheres; mas, às vezes, se abstinha disso. Cruzou rios, viu, viveu e venceu lutas, passou por muitos lugares que lhe deram algum prazer, mesmo que tal prazer tivesse de ser adiado ou proibido. Sobre esses, transcrevo aqui um trecho de sua prosa.

Nas folgas vagas, eu ia com os companheiros, obra de légua dali, no Leva, onde estavam arranchadas as mulheres, mais de cinqüenta. Elas vinham vindo, tantas, que quase todo dia, mais tinham que baratear. Não faltava esse bom divertir. Zé Bebelo aprovava: -- 'Onde é que já viu homem valer, se não tem à mão estradas raparigas? Ond' é ? Mesmo cachaça ele fornecia, com regra. (ROSA, 1986, p. 112)

Riobaldo também menciona uma *proteção*, provavelmente uma mulher. “Se diz que eles têm uma proteção preta [...]” (ROSA, 1986, p. 53). Essa proteção, na coluna que Prestes comandava, é uma velha negra, a mulher muito conhecida, citada por vários autores em diversas obras. Trata-se da tia Maria. “Porém a que era aureola de mistério, cujo nome circulava de boca em boca entre os soldados do governo era a Tia Maria, preta velha, seca e de olhos brilhantes, que morreu dramaticamente entre torturas. Contavam dela que era a feiticeira da Coluna” (AMADO, 1985, p. 123).

A descrição de Riobaldo com barba grande e preta também aproxima fato histórico detectado em velhas fotos e literatura: “E já fazia tempo que eu não passava navalha na cara, contrário de Diadorim. Minha barba luzia grande e preta, conferindo respeito” (ROSA, 1986, p. 462). Quanto aos homens da Coluna Prestes, basta abrir qualquer livro que tenha uma fotografia e lá vão estar os oficiais e os soldados, todos barbudos.

Acompanhava Riobaldo um menino chamado Guirigó, que chegou a chefiar bandos. “Tu é existível, Guirigó... Vai pelos proveitos e preceitos [...]. Até que, um momento, o pretinho Guirigó se chegou sorrateiro, e emitiu em minha orelha. – Tô chefe...” (ROSA, 1986, p. 400 e 414).

Na Coluna Prestes também havia dois meninos. Jaguncinho e Aldo. “O primeiro era paulista e se incorporara a Coluna numa das estações de Estrada de Ferro Sorocabana; o segundo era um pretinho que fora encontrado numa fazenda de Goiás, onde era um verdadeiro escravo” (LIMA, 1979, p. 185)

Quando, pela primeira vez, comecei a ler *Grande sertão: veredas*, notei que alguns episódios e personagens pareciam realmente comuns aos escritos de pesquisadores sobre a Coluna Prestes. Outras aproximações entre História e Literatura são possíveis, a partir do contato com Guimarães Rosa. Por exemplo, as doações de alimentos que os jagunços obtinham das populações locais são semelhantes às que eram obtidas pelas tropas de Prestes. E mais, pela censura imputada a Hermógenes, Riobaldo se aproxima novamente da disciplina militar imposta por Prestes a seus comandados. Ouçamos Riobaldo.

Medeiros Vaz não maltratava ninguém sem necessidade justa, não tomava nada à força, nem consentia em desatinos de seus homens. Esbarrávamos em lugar, as pessoas vinham, davam o que podiam, em comidas, outros presentes. Mas os Hermógenes e os cardões roubavam, defloravam demais, determinavam sebaça em qualquer povoal à-toa, renitiam feito peste. (ROSA, 1986, p. 45)

Na Coluna também havia requisições. Houve muitos casos em que mulheres, contrariando as ordens de Prestes, invadiram casas e apanharam mantimentos. Muitos homens que também saquearam casas foram expulsos do movimento. Mesmo oficiais que não respeitaram as ordens de Prestes e cometeram outras falhas foram punidos⁷⁸. Sobre as requisições de alimentos feitas pela Coluna, Luiz Maria Veiga escreve.

A princípio houve abusos nessas requisições, pois as mulheres que acompanhavam a Coluna achavam que tinham direito de limpar as casas abandonadas pelos moradores. O comando revolucionário, porém, proibiu o saque indiscriminado, só permitindo que os soldados levassem o que fosse realmente necessário.

⁷⁸

Entre esses acontecidos, há um caso de um oficial que foi expulso na época e, tempos depois, no ano de 1936, mandou prender o Prestes, já comunista, junto com a sua companheira Olga Benário Prestes. Olga passou por quatro prisões: Barnimstrasse, Lichtemburg, Ravensbruck e Bernburg.

Seria punido severamente quem desrespeitasse essas ordens, e, com efeito, chegaram acontecer expulsões por desobediência. (VEIGA, 1992, p, 41).

Certo ideário dos fortes em defesa dos fracos, do livre que liberta os cativos e faz justiça, também contamina Arte e História. Com a palavra Riobaldo.

Cavalaria de jagunços galopando, saindo para distâncias marcadas. Abriam festas de bomba-real e foguetório, quando entravam numa cidade. Mandavam tocar o sino da igreja. Arrombavam a cadeia, soltando os presos, arrancavam o dinheiro da coletoria, e ceavam em Casa-da-Câmara. (ROSA, 1986, p. 95)

Anita Leocádia Prestes aponta atos semelhantes quando escreve sobre as atitudes dos oficiais da Coluna em favor dos fracos e dos menos favorecidos. “A Coluna, em sua marcha pelo Brasil, tentava fazer justiça, queimando os livros e listas de cobranças de impostos, soltando os prisioneiros e destruindo instrumentos de tortura que encontrava.” (PRESTES, 1995, p. 81)

A localização geográfica dos rios é outro item que aproxima História e Literatura, por meio de quatro escritores: Alan Viggiano, Jorge Amado, Guimarães Rosa e Abguar Bastos.

Alan Viggiano, em sua obra *O itinerário de Riobaldo: espaço geográfico e toponímia em Grande sertão: veredas*, fala de alguns rios como “Rio Pardo, Grão-Mogol, São Francisco, Paracatu, Carinhanha. [...] Ao Urucuaia; onde tanto boi berra, ele está preso pelo amor” (VIGGIANO, 1993, p. 16-17). Estes são outros rios apontados pelo mesmo autor: Preto, Pardo, Canabrava, do Sono, Soninho, e que estão presentes na obra de Guimarães Rosa.

Jorge Amado, em seu livro, *O cavaleiro da esperança*, publicado em 1942, escreve: “Em Minas a Coluna marcha sobre os chapadões limitados pelos rios, Preto, Urucuaia, Carinhanha.” (AMADO, 1985, p. 131). Para as jornadas de Riobaldo, estes

mesmos rios eram familiares: “Rio Preto”; “Urucuia”; e “Carinhonha”. (ROSA, 1986, p. 60, 22, 22, respectivamente). Mera coincidência ou influência da história sobre a obra de Rosa? Os nomes dos rios que encontrei na obra de Guimarães Rosa não seriam os mesmos nomes de rios por onde passou a Coluna Prestes?

Abgvar Bastos, em sua obra *Prestes e a revolução social*, publicada no ano de 1946, escreve os nomes de alguns rios tais como: “São Francisco”; “rio do Sono”; “Canabrava”; “Paracatu”; “Grão-Mogol”. (BASTOS, 1986, p. 131, 131, 136, 138, 134, respectivamente). Em *Grande sertão*: veredas os mesmos rios são citados por Riobaldo. “São Francisco – Rio do Chico”; “do-Sono”; “Canabrava”; “Paracatu”; “Grão-Mogol”. (ROSA, p. 60, 64, 60, 60, 59 respectivamente). A obra escrita por Abgvar Bastos, publicada em 1946, não teria também passado pelas mãos de Guimarães Rosa?

Riobaldo, em suas falas, prevê que aquelas lutas irão entrar para a história e serão contadas por uns cantos do Brasil. “... A guerra foi grande, durou tempo que durou, encheu este sertão. Nela todo mundo vai falar, pelo Norte dos Nortes, em Minas e na Bahia toda, constantes anos, até em outras partes... Vão fazer cantigas, relatando as tantas façanhas...” (ROSA, 1986, p. 239)

A Coluna Prestes entrou para a História do Brasil. Muitos livros e livretos (literatura de cordel) foram escritos sobre esse evento; essa história é parte da cultura popular lida contada e cantada nas feiras do Nordeste. A Coluna se tornou lenda; Luiz Carlos Prestes, histórico: líder do movimento mais importante na década de 20 no Brasil, que é a Coluna Prestes. Jorge Amado (1985, p. 152) transcreve estes versos populares sobre o fato histórico:

Uma vez, amiga, numa feira distante, um cego cantava sua recordação de Luiz Carlos Prestes.

Deixando os soldados frios.

Passava a pé pelos rios,

As águas se endurecia.
 Junto do fogo seguia.
 O fogo lhe protegia
 A brasa já se esfriava
 Quando seu pé lhe pisava.

Como que autorizando esses versos, na Bolívia, já no exílio Lourenço Moreira Lima faz uma homenagem aos soldados do Exército e da Coluna enterrados no cemitério de La Gaiba.

Soldados da Liberdade!

Dormi tranqüilos na terra estrangeira que vos acolheu com tanta nobrez, porque os vossos nomes e os vossos feitos serão eternos no coração generoso do Brasil impetérrio, do Brasil que não teme os tiranos, do Brasil que esmagará os déspotas, do Brasil heróico, cuja espada cavalheiresca jamais deixará de ser brandida para maior glória do Direito, da Justiça, da Liberdade. (LIMA, 1979, 523)

Riobaldo, nas últimas conversas, fala em ser advogado, escrever um livro, contar as estórias das guerras. “Não queria saber do sertão, agora ia para capital, grande cidade. Mover com comércio, estudar para advogado – Lá eu quero deduzir meus feitos em jornal, com retratos... A gente descreve as passagens de nossas guerras, fama devida...” (ROSA, 1986, p. 537). Esse advogado pode ser Lourenço Moreira Lima, advogado, participante da Coluna, que, com o término do movimento, escreve um livro maravilhoso: *A Coluna Prestes* (marchas e combates). É uma das primeiras e mais importantes obras sobre a Coluna Prestes.

A obra de Guimarães Rosa é sedutora. Lê-la, como fiz, pode ser o caminhar na fronteira entre a História e a Literatura. O escritor enredou estórias história e personagens, utilizou vocabulário regional, chamou pelo nome rios, córregos, lugares, lugarejos, criou nomes não existentes na língua portuguesa e está aí seduzindo leitores de muitas áreas do conhecimento.

Relembrar um dos maiores eventos militares do século XX, no Brasil, que foi a Coluna Prestes, acrescenta muito à obra de ficção de Guimarães Rosa. Mostra que o autor tinha preocupações concretas com a história de sua época.

Não pretendi aqui discernir o que é História e o que é Literatura. Os dois saberes misturam-se, embrenham-se por um sertão afora e adentro, descortinando uma sociedade pouco conhecida; valorizada, menos ainda. Reconheço e desejo que reconheçam a grandeza dos valores do modo de ser do sertanejo. Sertão é linguagem, linguagem falando um povo que tem muito a ensinar ao Brasil.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *O cavaleiro da esperança: vida de Luiz Carlos Prestes*. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1985. 351 p.

BASTOS, Abgvar. *Prestes e a revolução social: fatos políticos, condições sociais e causas econômicas de uma fase revolucionária do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1986. 312 p.

LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna Prestes (marchas e combates)*. 3. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979. 631 p.

MOZZER, Marcelo Luiz Cesar. *A Coluna Prestes: 1924 – 1927*. Monografia. (Especialização em Teoria da História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1997. 142 p.

PESSANHA, José Américo Motta. História e ficção: o sono e a vigília. In: RIEDEL, Dirce Côrtes. (Org.). *Narrativa, ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago. 1988.

PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. 498 p.

PRESTES, Anita Leocádia. *Uma epopéia brasileira – a Coluna*

Prestes. São Paulo: Moderna, 1995. 111 p. (Coleção Polêmica).

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 36. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 538 p.

STARLING, Heloísa Maria Gurgel. *Lembranças do Brasil: teoria política, histórica e ficção em Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Revan: Ucam, Iuperj, 1999. 192 p.

VEIGA, Luiz Maria. *A Coluna Prestes*. História em aberto. São Paulo: Scipione, 1992. 80 p.

VIGGIANO, Alan. *O itinerário de Riobaldo: espaço geográfico e toponímia em Grande sertão: veredas*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1993. 64 p.

Recebido em 02/08/2008

Aprovado em 10/09/2008